

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	1
Título: O D+1	1
VEÍCULO: O Globo.....	3
Título: Receio de nova onda de Covid-19 faz Bolsa cair 2%.....	3

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 13/06/2020

Seção: Opinião

Autor: Adriano Pires

Título: O D+1

Nos tempos de pandemia e de isolamento social vivemos cenas e momentos que vamos levar na memória para o resto de nossa vida. Poderíamos fazer um paralelo com outros dois grandes eventos pelos quais passou a humanidade: a 1.a e a 2.a Guerras Mundiais. Mas existem diferenças. A 1.a Guerra atingiu somente o continente europeu; a 2.a, a Europa e a Ásia (impossível esquecer as

bombas atômicas jogadas no Japão). A covid-19 é universal, o inimigo é invisível e vem causando milhares de vítimas, atingindo todas as classes sociais.

Eu estou otimista com o D+1. Otimista porque nestes momentos entra em ação o conceito de destruição criativa, segundo o qual a inovação tecnológica faz, de maneira simultânea, desaparecer e surgir novas atividades econômicas. Depois da peste negra veio o Renascimento. É bom lembrar os chamados Trinta Anos Gloriosos (1945 a 1975) que se seguiram ao fim da 2.ª Guerra Mundial e trouxeram um forte crescimento econômico e o pleno-emprego na maioria dos países desenvolvidos -notadamente os países-membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OC-DE). O crescimento médio global foi de 4,8% ao ano e a inflação, de 3,9%. Existe um debate entre os economistas sobre isso. Os keynesianos explicam esse ciclo virtuoso argumentando que o boom foi provocado pela adoção de políticas econômicas baseadas no gasto público. Já os economistas ligados a uma escola mais liberal alegam que o boom foi determinado por reformas de livre-mercado e da desregulamentação ocorrida nesse período, em particular na economia norte-americana.

Do ponto de vista da energia, aquele período, bem como todo o século 20, foi inteiramente dominado pelo petróleo. A melhor forma de entender os acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no século 20 é por meio da história do petróleo. A principal indústria era a do automóvel, pelo fato de termos petróleo abundante e barato. As maiores e principais empresas eram as de petróleo, as chamadas Sete Irmãs.

O mundo pós-pandemia deverá trazer uma nova tendência no mundo dos investimentos. Essa nova tendência vai ser na direção de privilegiar investimentos que gerem melhor qualidade de vida. Desta vez, não só para os países desenvolvidos, mas também para os que têm hoje um grande déficit social. Isso tende a ocorrer porque uma das características da pandemia é que, além de ser universal, atingiu em cheio as principais e mais ricas cidades do mundo. Assim, parece-nos que daqui para a frente as lideranças políticas e empresariais passarão a ser mais solidárias, sob pena de termos vírus mais fortes que o da covid-19 ou, pior, os efeitos da mudança climática.

No setor de energia, visualizamos uma aceleração da transição energética. Essa transição das energias fósseis, em particular o carvão e o petróleo, para as mais limpas e renováveis, que já vinha ocorrendo, tende a ser antecipada. E começamos a ver indicações concretas disso. Diversos fundos de investimentos já declaram que estão revendo seus investimentos. Por exemplo, o fundo soberano da Noruega, que administra mais de US\$ 1 trilhão, decidiu excluir da sua carteira empresas cujos investimentos provocam danos ao meio ambiente e

não respeitam os direitos humanos, e o mesmo caminho está sendo seguido pelo Black-Rock, segundo declarações do seu chairman e CEO, Larry Fink.

A transição energética chegou às telas e é o foco da 5.a temporada do seriado americano Billions, que virou mania em todo o mundo. Nessa temporada, o tema central será a transição energética e, neste contexto, o futuro do capitalismo. Das discussões entre dois gestores, Axelrod e Prince, surge o questionamento de que o momento exige uma discussão sobre um novo capitalismo. Então, nasce a ideia de criar um fundo que equilibre o lucro com o impacto social e ambiental positivo, cobrando das empresas petrolíferas um caminho para a transição energética. O fato é que Billions vai provocar ainda mais debates sobre em qual direção caminhará o mundo pós-coronavírus e se teremos um novo capitalismo, mais solidário e respeitando os limites da natureza.

Parece que chegou a hora de contradizer o filósofo Descartes (Discurso sobre o Método, 6.a parte) quando afirmava que poderíamos nos tornar senhores e possuidores da natureza.

VEÍCULO: O Globo

Data: 13/06/2020

Seção: Economia

Autor: GABRIEL MARTINS

Título: Receio de nova onda de Covid-19 faz Bolsa cair 2%

Aumento de casos nos EUA, onde estados começam a reabrir economia, havia provocado fortes quedas no exterior na véspera, quando mercado brasileiro estava fechado. Dólar comercial tem valorização de 2,18%, a R\$ 5,04

O temor de uma segunda onda de coronavírus nos Estados Unidos, que na quinta-feira fez o Dow Jones cair quase 7%, pesou ontem no mercado brasileiro depois do feriado. O dólar comercial fechou em alta de 2,18%, a R\$ 5,041. Já o Ibovespa, índice de referência da B3, recuou 2%, aos 92.795 pontos. Os resultados só não foram piores porque as Bolsas lá fora tiveram um dia de recuperação.

Em Nova York, o Dow Jones subiu 1,9%, enquanto o S&P 500, mais amplo, avançou 1,31%, e a Bolsa eletrônica Nasdaq teve alta de 1,01%. Ainda assim, os três fecharam a semana com a maior queda semanal desde 20 de março. O Dow perdeu 5,6%, o S&P, 4,8%, e a Nasdaq, 2,3%.

Os investidores observam atentamente os números de infecções pelo novo corona-vírus nas regiões cujas economias estão reabrindo. Nos Estados Unidos,

o Texas registrou 2,5 mil casos da doença na última terça-feira, superando o recorde anterior de 1,9 mil em 31 de maio. No Arizona, hospitais que tratam novos casos de coronavírus operam com cerca de 83% de sua capacidade, segundo o Departamento de Serviços de Saúde.

— O mercado brasileiro passa por um ajuste após o impacto sofrido nos mercados globais na véspera. O país acabou sendo beneficiado pelo feriado. Se as negociações estivessem acontecendo, a queda tenderia a ser maior. Mas como EUA e Europa já estão se recuperando, as perdas no Brasil são mais brandas — disse Paloma Brum, economista da Toro Investimentos.

Na semana, o dólar acumulou valorização de 0,96%, interrompendo uma sequência de três quedas semanais. Já a Bolsa teve recuo de 1,94%.

—A perspectiva de retomada da economia como um todo foi atrapalhada pelo aumento de casos nos Estados Unidos —disse Mauricio Pedrosa, gestor da Áfira Investimentos. —Também pesam no mercado brasileiro, que estava fechado ontem, a perspectiva mais pessimista do Fed (o BC americano) sobre a economia e a retração do Reino Unido.

Na quarta-feira, o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, disse que a economia americana tem “um longo caminho” até a recuperação. O receio de novas quarentenas em uma segunda onda de Covid-19 pode deixar essa recuperação ainda mais distante.

— O mercado reage às expectativas. Antes, o cenário era mais positivo, por isso uma temporada de ganhos. Agora, com uma sinalização que demanda mais cautela, os preços vão se reacomodar diante desta nova perspectiva — acrescenta Pedrosa.

PERDAS NO SETOR AÉREO

No Ibovespa, as empresas ligadas ao setor de turismo registraram fortes perdas. Se houver uma segunda onda da Covid-19, o fluxo de pessoas será afetado.

As ações preferenciais (PN, sem direito a voto) das aéreas Azul e Gol perderam, respectivamente, 5,87% e 8,4%. Os papéis ordinários (ON, com voto) da operadora de turismo CVC recuaram 9,44%.

No setor bancário, de maior peso no índice, Banco do Brasil ON caiu 2,51%, enquanto Bradesco PN perdeu 1,14%, e Itaú Unibanco PN, 1,99%.

A Petrobras caiu refletindo o tombo dos preços do petróleo na quinta-feira, de mais de 8%. Os papéis ON da estatal perderam 3,54%, a R\$ 21,24, e os PN

recuaram 3,74%, a R\$ 20,60. O barril do tipo Brent, referência internacional, fechou em alta de 0,47%, a US\$ 38,73. Já o WTI teve queda 0,22%, a US\$ 36,26.

Na Europa, o FTSE (Londres) avançou 0,47%, enquanto o CAC (Paris) subiu 0,49%. Já o DAX (Frankfurt) fechou em queda de 0,18%.

MME / ASCOM .